

DÍVIDA

Externa

Governo pagará mais juros aos bancos credores

Oferta supera impasse e reabre negociações

PAULO SOTERO

WASHINGTON — O governo brasileiro aumentou sua oferta de pagamento de juros atrasados e reabriu, com isso, as negociações com os bancos credores, que haviam chegado a um impasse depois da sexta rodada de conversas, no mês passado. O negociador da dívida externa, embaixador Jório Dauster, que está em Nova York desde a semana passada, manteve ontem o segundo dia de encontros com os representantes dos bancos.

A retomada das conversas é, por si só, um bom sinal. Bancos europeus integrantes do comitê negociador haviam indicado, no final da sexta rodada, que só voltariam a Nova York se o governo brasileiro alterasse significativamente sua posição anterior. Esta previa um pagamento da ordem de US\$ 1,2 bilhão da conta de mais de US\$ 8 bilhões de juros vencidos até dezembro passado mais US\$ 1 bilhão em pagamentos relativos ao vencimento do primeiro trimestre do ano corrente e das obrigações da dívida do setor privado. Além disso, o governo condicionara esses pagamentos a um entendimento prévio sobre as linhas mestras de um acordo sobre o estoque da dívida de cerca de US\$ 50 bilhões com os bancos.

Essa vinculação, segundo executivos de bancos, foi desde o início o principal obstáculo da negociação. Uma fonte do comitê disse ao Estado que a oferta brasileira contém "mais um pouco de dinheiro, mas não muito". Quanto à questão da vinculação, "as coisas ainda não estavam claras quando as conversas com o comitê foram retomadas", na segunda-feira. Dauster teve uma reunião preliminar na sexta-feira passada com os representantes do Citicorp, Morgan Guaranty e Lloyds Bank, que lideram o comitê.

O governo brasileiro está sob forte pressão dos países industrializados para chegar a um acordo com os bancos. Depois do fracasso da sexta rodada de conversas, o subsecretário do Tesouro, David Mulford, advertiu o embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira, de que o País seria completamente isolado da comunidade financeira internacional. Num sinal do ceticismo que existe hoje em relação às intenções do governo brasileiro na área da dívida, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional não aceitaram o convite do governo brasileiro de enviar representantes para o primeiro dia da sétima rodada de conversas com os bancos.

13 FEV 1991

ESTADO DE SÃO PAULO